

Recibido: 20 de mayo de 2009.

Aceptado: 26 de junio de 2009.

## O PICARISMO N’O DESGRACIADO AMANTE PERALVILHO

CARMEN M.<sup>a</sup> COMINO FERNÁNDEZ DE CAÑETE  
Universidad de Extremadura

### Resumen

*O Desgraciado Amante Peralvilho*, de Pires de Rebelo, nos invita a reanalizar su esquema narrativo y a plantear la incursión del autor en la picaresca. Dado que no existe tradición de este género en la literatura portuguesa y considerando, además, el hibridismo de esta obra, nos centraremos primero en su estructura y después en su función dentro de la novela barroca portuguesa. Este artículo continúa el trabajo presentado en «O desenvolvimento laberíntico nas *Novelas Exemplares*» (*Revista Internacional de Cultura e Ciência Elvas-Caia*, VI [2008], págs. 135-158).

*Palabras clave:* Barroco portugués, novela corta, picaresca, Pires de Rebelo.

### Abstract

Pires de Rebelo’s *O Desgraciado Amante Peralvilho* invites us to reanalyze its narrative scheme and to regard it as a picaresque novel. Since there is no picaresque tradition in Portuguese literature, and considering its hybrid style, we will first focus on the novel’s structure and then explore its function within the Portuguese baroque short novel tradition. This paper continues the research initiated in «O desenvolvimento laberíntico nas *Novelas Exemplares*» (*Revista Internacional de Cultura e Ciência Elvas-Caia*, VI [2008], págs. 135-158).

*Keywords:* Portuguese Baroque, short novel, picaresque, Pires de Rebelo.

### 1. Da vida à obra

Gaspar Pires de Rebelo, de quem não se conhece a data certa do nascimento (cerca de 1590) nem da morte (deveu ser pouco antes de 1649<sup>1</sup>),

---

<sup>1</sup> Agradeço ao Dr. Artur Henrique Ribeiro Gonçalves, entusiasta lusista-hispanista, que me facilitou enormemente a localização das edições e reedições das *Novelas Exemplares* de

pertence a um quase ignorado grupo de prosadores portugueses barrocos. Apesar de ser provavelmente o autor que vinca com mais força a narrativa de ficção seiscentista portuguesa, o seu nome não consta<sup>2</sup>, em geral, nas histórias literárias portuguesas, a não ser em pequena forma de rodapé<sup>3</sup> e na bibliografia. Conforme podemos verificar em *Novelistas e Contistas Portugueses dos Séculos XVII e XVIII*, a situação era bem diferente naquela altura, pois Pires de Rebelo, além de escritor reconhecido, era «o autor mais lido de todos os narradores portugueses no século XVII [...] exemplo de um tipo de prosa e de um género literário»<sup>4</sup> e as suas obras tiveram inúmeras reedições nos séculos XVII-XVIII e, uma outra, no século XIX (1847). Ora bem, desde então até à actualidade apenas sabemos de uma única edição da *Constante Florinda*<sup>5</sup>, de 2005, e nenhuma das *Novelas Exemplares*.

Sabemos de Pires de Rebelo que é licenciado, sacerdote, teólogo, pregador e escritor, durante algum tempo frade professo da Ordem Militar de Santiago da Espada no Convento de Palmela (próximo a Lisboa) e prior da Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Conceição, e que vive no reinado dos Filipes (período que Rodrigues Lobo caracterizou como sendo de «corte na aldeia»). Possui uma extensa cultura, não só eclesiástica mas também profana, a testar pelas indicações que os textos dele fornecem. Sendo a obra que nos ocupa, *O Desgraciado Amante Peralvilho*<sup>6</sup> a quinta das suas *Novelas Exem-*

---

Pires de Rebelo, e me esclareu questões relativas à morte do autor ao permitir a leitura e extracção de dados da sua Tese de Mestrado (inérita). Nestes momentos é viável consultá-la, policromada, na Biblioteca Nacional de Lisboa. Cf. Artur Henrique Ribeiro Gonçalves, em *Uma novela pícaro portuguesa: O Desgraciado Amante, de Gaspar Pires de Rebelo*, s. d., s. l., pág. 23.

<sup>2</sup> Talvez seja dado a considerar que, ao igual do que acontece com outros autores de novelas picaresca, deste autor conhecemos apenas três obras. Para um análise deste curioso fenómeno, *vid.* Antonio Rey Hazas, *Deslindes de la Novela Picaresca*, Málaga, Universidad de Málaga, 2003, págs. 13 e segs.

<sup>3</sup> Podemos constatar-lo, por exemplo, no manual talvez mais recomendado durante muitos anos aos alunos universitários, de António José Saraiva e Óscar Lopes, *História da Literatura Portuguesa*, 17.<sup>a</sup> ed., s.l., Porto Editora, 1996, págs. 465 e 533. Estes autores mencionam, em nota de rodapé, o sucesso do Padre Gaspar Pires de Rebelo em Portugal e pouco mais.

<sup>4</sup> Cf. *Novelistas e Contistas Portugueses dos Séculos XVII e XVIII*, selec. de João Palma Ferreira, Lisboa, INCM, 1981, pág. 107.

<sup>5</sup> Esta é uma edição do prestigioso investigador Nuno Júdice da que já fizemos menção num outro artigo no ano passado (cf. Carmen M.<sup>a</sup> Comino Fernández de Cañete, «O desenvolvimento labiríntico nas *Novelas Exemplares*», *Revista Internacional de Cultura e Ciência Elvas-Caia*, n.º 6 [2008], pág. 139). No prefácio a esta edição, Nuno Júdice assinala dois motivos que se podem apontar para entender por que razão não consta o nome de Gaspar Pires de Rebelo, em geral, nas histórias literárias portuguesas: o facto de ter vivido sob o período filipino e sobretudo a sua inscrição na prosa de ficção barroca, tão desconsiderada como simples jogo formal.

<sup>6</sup> Para Ares Montes, além de ser a melhor do livro, é uma das mais brilhantes da novela portuguesa do XVII. Cf. José Ares Montes, «Cervantes en la literatura portuguesa», *Anales Cervantinos*, II (1952), Madrid, CSIC, pág. 219.

*plares*<sup>7</sup> (1649-1650), é indubitável o conhecimento que Pires de Rebelo manifesta na sua obra da escrita de Cervantes (a começar pela eleição do próprio título das *Novelas*), da picaresca e das «novelas amorosas» espanholas coetâneas<sup>8</sup>. Seguidor de Cervantes no tom picaresco das *Novelas Exemplares*, «traça-nos um quadro amplo e imaginativo da sociedade do seu tempo»<sup>9</sup>. Indubitável é também a novidade que apresenta esta quinta novela, em relação às outras *Novelas Exemplares* e a mudança de estilo que nela se percebe, mais coloquial. João Palma-Ferreira insistiu muito na sua originalidade, dado que, segundo ele, se trataria da «única novela picaresca escrita em português»<sup>10</sup>, pelo menos entre os textos conhecidos até ao dia de hoje. Mais tarde Artur Ribeiro Gonçalves chega a considerá-la «novela picaresca canónica»<sup>11</sup>.

Será mesmo que a queremos ou podemos qualificar como tal? Procederemos a uma releitura d' *O Desgraciado Amante Peralvilho*, tendo em conta, desde já, sermos reticentes, de entrada, a vocábulos tão excludentes e marcantes como «único» ou «canónico» para definir esta novela dentro de um género

<sup>7</sup> Remitir-nos-emos neste trabalho à reedição de 1722: *Novelas Exemplares / compostas pelo autor das duas partes da Constante Florinda /, o Licenciado Gaspar Pires de Rebelo /, que contem seis novelas seguintes*. A primeyra, Disgraças venturosas. Segunda, Os enganos mais ditosos. Terceyra, Os Gémeos de Sevilha. Quarta, A custosa experiência. Quinta, O desgraçado amante Peralvilho. Sexta, A namorada fingida.// Lisboa Occidental, / Na Officina de António Pedroso Galram /. M.DCC.XXII.

<sup>8</sup> Entre as novelas amorosas castelhanas do século XVII, deparamos com nomes próprios de personagens, atitudes e até algum título de obra, como *El pícaro Amante* (1624) de José Camerino, que nos fazem ver tal aproximação. Tanto neste como n' *O Desgraciado Amante Peralvilho*, comprovamos que ambos protagonistas se apaixonam por uma atriz de comédias, por exemplo (dando entrada nesse mundo do teatro do XVII), ou adoptam, fingindo, o papel de pajem. Cf. *Novelas amorosas de diversos ingenios del siglo XVII*, ed. de Evangelina Rodríguez Cuadros, Madrid, Castalia, 1986, págs. 91-108.

<sup>9</sup> Palavras de Nuno Júdice no prefácio à sua edição da obra de Pires de Rebelo, *Infortúnios Trágicos da Constante Florinda*, Lisboa, Teorema, 2005.

<sup>10</sup> João Palma Ferreira defende que os três quase únicos testemunhos directos do pícaro espanhol, nessa época, em Portugal, são: *O Desgraçado Amante Peralvilho*, de Gaspar Pires de Rebelo, *A Terceira Parte do Guzmán de Alfarache*, do Marquês de Montebelo e o *Século Pitagórico e Vida de D. Gregório Gadanha*, de António Henriques Gomes. Dentre eles, apenas o primeiro está escrito em português, pois os dois últimos mantêm a língua tradicional do género picaresco, o espanhol. Cf. João Palma Ferreira, *Do pícaro na literatura portuguesa*, Lisboa, Biblioteca Breve, 1981, pág. 16. Isto gerou polémica entre o estudioso que primeiro escreveu sobre a picaresca em Portugal, Ulla Trullemans (*Huellas de la picaresca em Portugal*, Madrid, Ínsula, 1968) e Palma-Ferreira, a quem lhe pareceu incompleta a panorâmica dele por não mencionar *O Desgraciado Amante Peralvilho*, e por não considerar, dentro da literatura portuguesa, o *Século Pitagórico e Vida de D. Gregório Gadanha*, de António Henriques Gomes). Trullemans, pela sua vez, escreveu um novo artigo como resposta às observações de Palma-Ferreira («A propósito do picaresco na literatura portuguesa», *Revista Colóquio/Letras*. Notas e Comentários, HYPERLINK <<http://colouquio.gulbenkian.pt/bib/sirius.exe/do?issue&n=71>> o «Ver este número da Colóquio/Letras», n.º 71, Jan. 1983, págs. 69-71).

<sup>11</sup> Cf. Artur Henrique Ribeiro Gonçalves, *op. cit.*, págs. 102-103.

(ou subgénero) sobre o qual existe tanta bibliografia<sup>12</sup>. É certo sim, que se trata de uma obra excepcional, com peculiaridades diferenciadoras dentro das *Novelas Exemplares*, como ter um final aberto em vez do *happy-end* das restantes novelas. No entanto, encontramos ingredientes picarescos diluídos em material sentimental e humorístico em todas as *Novelas*, sobretudo em *Desgraças Amorosa*, *Os Gémeos de Sevilha*, e *A Namorada Fingida*, com uma função crítica semelhante do sentido conferido pela sociedade daquela época à literatura picaresca.

## 2. Da novela curta amorosa aos traços principais da picaresca peninsular

Antes de mais, interessa-nos sublinhar que as *Novelas Exemplares*, de Pires de Rebelo, se apresentam na primeira edição (1649-1650) como continuação das duas partes da *Constante Florinda* (1625-1633), primeira obra conhecida do nosso autor e que nos recorda os romances bizantinos. As aventuras amorosas<sup>13</sup>, fios condutores das histórias e peripécias nas novelas de Pires de Rebelo, junto à comicidade no meio de crimes, por vezes tão graves como o assassinio, são dois ingredientes a ter muito em conta n' *O Desgraciado Amante Peralvilho* para os podermos contrapor às novelas pícaras espanholas. Somos conscientes de que qualquer aproximação à tipologia e à demarcação da narração curta barroca levantaria questões impossíveis de abranger neste artigo.

Contentar-nos-emos com passar brevemente em revista a opinião de alguns estudiosos para relembrar a falta de limites exactos no assunto, e, primeiro estudo sistemático sobre a novela picaresca. Estudar a novela, a o narração breve como género de fontes complexas e de formas muito diversas, era já a proposta, em 1926, de Edwin B. Place<sup>14</sup>. Ludwig Pfandl, partindo das estruturas cervantinas, caracteriza o que ele denomina «novela curta romântica» como a manipulação de um acontecimento fragmentário, recortado da realidade circundante pelo seu carácter extraordinário e possibilitando a clássica acumulação de acontecimentos<sup>15</sup>. Fonger de Haan faz o primeiro estudo sistemático conhecido por nós sobre a literatura picaresca,

<sup>12</sup> Vid. J. Rikapito, *Bibliografía razonada y anotada de las obras maestras de la novela picaresca en España*, Madrid, Castalia, 1980.

<sup>13</sup> Aventuras tão amorosas como só dos portugueses se podiam esperar. A fama de «enamoradozinhos», apaixonados amantes, converteu-se num tópico na literatura do xvii. Cf. M. Herrero García, *Ideas de los Españoles del siglo xvii*, Gredos, Madrid, 1966 (1928), págs. 173-178.

<sup>14</sup> Cf. Edwin B. Place, *Manual elemental de Novelística Española. Bosquejo histórico de la novela corta y el cuento durante el Siglo de Oro con tablas cronológico-descriptivas de la novelística desde los orígenes hasta 1700*, Madrid, Victoriano Suárez, 1926.

<sup>15</sup> Cf. Ludwig Pfandl, *Historia de la literatura nacional española de la Edad de Oro*, Barcelona, Sucesores de J. Gili, 1933, cap. ix, págs. 330-404.

e, admite, implicitamente, a existência da novela picaresca fora de Espanha, outorgando-lhe a prosa autobiográfica como característica básica<sup>16</sup>.

Sob um ponto de vista endógeno e formal<sup>17</sup>, a narrativa d'*O Desgraciado Amante* remeteria, em conjunto com as restantes *Novelas Exemplares*, para um quadro *ausente*<sup>18</sup>, isto é, não é percebida nenhuma relação entre elas. Mas, ao limitarmo-nos a *O Desgraciado Amante Peralvilho*, em si próprio, e pensarmos no maior ou menor encadeamento das sequências dentro do sistema desta novela, vislumbramos uma situação ambivalente na qual encaixaria tanto um quadro justaposto —em que se contam histórias, engraçadas e breves, a pedido do narrador (tertúlia, reunião)—, como um sub-quadro coordenativo, cuja linha medular seria o «eu» repetido do protagonista<sup>19</sup>. Estaríamos com este último perante um dos traços característicos da novela picaresca, o relato autobiográfico, que se somaria ao cariz evasivo e exemplar, em que se faz questão, realista e ironicamente, do conceito coetâneo da honra e da limpeza de sangue: «Meus pais erão de bom sangue, porque em certa dissenção que houve entre elles hum dia, remetendo o feyto às unhas, houve alguma effusão, & vi que hum & outro era vermelhos»<sup>20</sup>.

### 3. O carácter autobiográfico e a oralidade. A aparição de Peralvilho

O começo da novela ambienta-se num lugar pequeno e aprazível perto de Mérida —soam ecos da novela bucólica—, nas tardes da Primavera, onde mora um velho senhor fidalgo («Nam muyto distante daquela antiga cidade,

<sup>16</sup> Fonger de Haan define a novela picaresca nestos termos: «... is the prose autobiography of a person, real or imaginary, who strives by fair means or by foul to make a living, and in relating his experience in various classes of society, points out the evils which came under his observation» (cf. Fonger de Haan, *An outline of the History of the novella picaresca in Spain* [dissertation presented to the board of University Studies of the Johns Hopkins University at Baltimore for the degree of doctor of philosophy: may 1895], The Hague: New York, Martinus Nijhoff, 1903, pág. 8).

<sup>17</sup> Sob o ponto de vista ideológico, esta narrativa estaria dependendo estreitamente da cultura autoritária do seiscentismo e sujeita a uma progressiva falta de limites críticos entre a realidade exterior e o narrado.

<sup>18</sup> Cf. Evangelina Rodríguez Cuadros, «La novela corta del Barroco español: una tradición compleja y una incierta preceptiva», *Monteagudo*, 1 (1996), 3.<sup>a</sup> época, pág. 35.

<sup>19</sup> Ambos termos são os usados por Palomo quem manifesta os requisitos básicos para cada um destes marcos e a exemplificação dos mesmos: «La yuxtaposición requerirá un nexo de unión, fuera de la estructura de cada unidad, que pueda agrupar las secuencias en el sistema. [...] Cada episodio —o tratado— del *Lazarillo* es una secuencia cerrada en sí misma, en donde la coordinación alcanza su valor más integrador. La línea medular de cada secuencia —el yo repetido del protagonista— es también la línea medular del sistema en el que aquéllas se integran. Es una forma de coordinación característica de la picaresca, pero no peculiar de la cortesana». Cf. M.<sup>a</sup> Pilar Palomo, *La novela cortesana: forma y estructura*, Barcelona, Planeta/Universidad de Málaga, 1976, págs. 23 e segs.

<sup>20</sup> Cf. *O Desgraciado Amante Peralvilho*, op. cit., pág. 353.

cuja conquista tanto custara ao valeroso Muça...»<sup>21</sup>), que decide dedicar os anos que lhe restam de vida a entreter-se, sobretudo ouvindo as aldeãs e os seus amantes contarem os sucessos dos seus amores. Este parágrafo introdutório da novela termina com uma espécie de conclusão na voz de um narrador exterior («que as cousas, que servem de lisonjear o gosto, fazem não sentir o tempo»<sup>22</sup>), que dá pé à entrada de um moço, com mau aspecto e vestido de soldado<sup>23</sup>, Peralvilho.

De todos os sucessos amorosos que, segundo se diz ao início da novela, contavam as aldeãs e os seus amantes ao fidalgo, nada ouvimos, nada sabemos. Tudo fica, afinal, reduzido à história pessoal do *Desgraciado Amante Peralvilho*, interrompida, às vezes, quando há mudança sequencial do relato. Visto que a dimensão autobiográfica abarcará, pelo menos, o conjunto das novelas pícaras mais facilmente reconhecíveis e «clássicas»<sup>24</sup>, *O Desgraciado Amante Peralvilho*, apresentará semelhanças com elas e peculiaridades que o diferenciam destas. Formalmente, o género picaresco contém como principal característica o tratamento da autobiografia fictícia e retrospectiva de uma personagem muito especial —tipo anti-herói cavaleiresco—<sup>25</sup>, o pícaro que, pelo seu pragmatismo imposto pela sobrevivência declarada<sup>26</sup>, e pela sua função crítica, se oporá à moral —de maneira mais ou menos explícita— das novelas

<sup>21</sup> *Ibidem*, pág. 349.

<sup>22</sup> *Ibidem*.

<sup>23</sup> Tanto pelos pomenores que oferece esta novela, como pela vivacidade do relato e diálogos, a obra aproxima-se de um dispositivo quase cénico.

<sup>24</sup> Este género surge em Espanha com características nacionais e como uma conjugação muito particular do popular e do culto. Destacam 1.º, o *Lazarillo de Tormes* (1554), como criação do mesmo, embora a denominação de «novela picaresca» fosse posterior (cf. a introdução de Antonio Gargano à obra de Quevedo, *Historia de la vida del Buscón llamado don Pablos El Buscón*, Barcelona, REB Editores, 1994, pág. XXIII); 2.º, as duas partes do *Guzmán de Alfarache* (1599-1604) de Mateo Alemán, como momento de apogeu, e considerada por muitos investigadores como a novela pícaro por antonomásia. Encarada como uma amarga confissão do seu narrador e protagonista, a obra apresenta-se alternadamente pelos episódios pícaros vividos pelo protagonista e os juízos moralizantes que vai dirigindo aos leitores, representando assim uma autêntica «*Atalaya de la vida humana*». Perspectiva uma hipotética, ainda que afastada, redenção do protagonista numa tencionada terceira parte. Uma terceira parte que não foi realizada pelo próprio autor, mas por um português, Félix Machado de Silva. Há nesta obra uma transformação completa do pícaro, através do seu arrependimento e peregrinação a Santiago de Compostela; e 3.º, o *Buscón* (1626) de Quevedo como desintegração ou consumação do género.

<sup>25</sup> Cf. Fernando Cabo Aseguinolaza, referindo o componente autobiográfico presente neste género histórico-literário, afirma: «Las obras picaresca son, o quizá sea mejor decir, contienen, relatos autobiográficos. Esta es una de sus características más destacadas. Tanto es así que se podría decir que no hay obra picaresca, en el sentido genérico del adjetivo “picaresca” [...] sin tal componente autobiográfico». Cf. Fernando Cabo Aseguinolaza, *El concepto de género y la literatura picaresca*, Santiago de Compostela, Universidad de Santiago, 1992, pág. 48.

<sup>26</sup> Cf. José Antonio Maravall, *La cultura del Barroco*, 10.<sup>a</sup> impr., Barcelona, Ariel, 2007, págs. 334 e segs.

precedentes (até então contos ou relatos breves)<sup>27</sup>. Ora bem, na nossa obra encontraremos um narrador exterior e existência de diálogos entre eles.

### 3.1. UM NARRADOR-AUTORAL DIFERENTE DO NOSSO PROTAGONISTA

O lugar da narração, a atalaia andante em que —em remoto eco boccaciano— se narra a história, constitui a última parte do itinerário do protagonista, e é, como costuma ser nas novelas exemplares, a primeira que o leitor conhece. Como traço original, *O Desgraciado Amante Peralvilho* apresenta singularidades diferentes, pois não se trata de um Prólogo dirigido a uma incógnita «Vuessá Merced» (*Lazarrillo*), nem de um relato redigido nas «galeras» (*Guzmán de Alfarache*), nem de uma carta dirigida também a um desconhecido v.m. (*El Buscón*), mas é, sim, um aspecto ligado à própria forma autobiográfica d'*O Desgraciado Amante*. Apesar de predominante na novela, a autobiografia encaixa-se numa narrativa a cargo do ambíguo narrador-autoral, quer de terceira pessoa quer de primeira pessoa:

Sucedee pois, que estando elle com a costumada companhia à sombra de huns alemos [...], chegar um mancebo, que no modo parecia Soldado [...]. E com tudo iso não faltou nos pontos de cortezão & quando o quis parecer não deyxararão os circunstantes de atentar, que nas meyas erão os pontos muyto, & nos çapatos muy poucos<sup>28</sup>.

A autobiografia oral de Peralvilho abarca os primeiros vinte anos da sua existência e é interrompida, às vezes, pelos comentários e reflexões do anfitrião.

### 3.2. BREVES DIÁLOGOS

Como consequência do que acábamos de expor, outra das peculiaridades diferenciadoras desta obra é a presença de breves diálogos de Peralvilho de Córdoba com o seu anfitrião, a quem contará, a seu pedido, os principais momentos da sua existência, enquanto pícaro —como já se podia prever pelo nome Peralvilho<sup>29</sup>— e enquanto «desgraciado amante»:

<sup>27</sup> Cf. Carlos Vaíllo, «La novela picaresca», em *Historia de la Literatura*, vol. 1, Barcelona, RBA Editorres, 1994, págs. 229-240; e «A prosa no Barroco espanhol», em *História da Literatura Universal*, IV, Lisboa, Planeta, 1993, págs. 79-101.

<sup>28</sup> Cf. *O Desgraciado Amante Peralvilho*, *op. cit.*, págs. 350-351.

<sup>29</sup> O topónimo Peralvilho (lugar próximo de Ciudad Real), associado a um local destinado ao castigo de malfeitores pela «Santa Hermandad», já devia ser bastante conhecido na literatura da época. Prova disto são as palavras de Sancho: «¿... qué mucho me tema no ande por aquí alguna región de diablos que den con nosotros en Peralvilho?» (cf. Cervantes, *Don Quijote de la Mancha*, II, Barcelona, RBA Editores, cap. LXI, pág. 925). Este lugar também está documentado duas vezes n' *El diablo cojuelo* (1641), de Luis Vélez de Guevara (cf. *El diablo cojuelo*, 2.<sup>a</sup> ed., Madrid, Cátedra, 1989, págs. 116 e 171) e em Quevedo, que se referirá a esta

E logo se vio, que gastava bom humor, porque dizendo-lhe o Fidalgo se mandava alguma coisa de seu serviço, respondeo: —Pelos que hey feyto me darão em satisfação estes golpes, que tenho na cara [...]

Muyto gostou o Fidalgo de o ouvir, & logo tornou dizendo: —Não é isso que eu pergunto, senão se vos posso fazer algum serviço...<sup>30</sup>.

A presença das outras pessoas que se reúnem com o anfitrião nas tardes aprazíveis, isto é, da gente do povo (aldeãs e amantes), fica quase reduzida à intervenção nos intervalos entre sequências, e serve normalmente para encorajar o moço-pícaro a continuar:

Não nego eu (disse então o Fidalgo), que em razão de vossas desgraças serem tantas, tenhais muyta de as sentirdes: mas affirmovos, que recebi gosto de as contardes. O mesmo confirmarão alguns dos circunstantes, & huma das Aldeanas fallando por todas, lhe perguntou se tivera mais novas das suas damas, ou se tinha ainda lebrança delas. Tenho-a (respondeo Peralvilho) do que me succedeo...<sup>31</sup>.

Assim sendo, o ponto de vista do biografado não se manterá apenas pelo que ele próprio conta de si, mas ainda se completará com os dados biográficos transmitidos pelo narrador-autoral da novela<sup>32</sup> e com os comentários que se entrelaçam na história.

Ao encaixar a autobiografia oral do pícaro na biografia escrita do narrador-autoral da efabulação, Pires de Rebelo parece conciliar as opiniões veiculadas na *Corte de Aldeia e Noites de Inverno* (1619), de Francisco Rodrigues Lobo, pelo Dr. Lívio, «o melhor modo de escrever são os diálogos em prosa», e por D. Júlio, «nem por a prática ser mais antiga e primeira que a escritura, é mais perfeita, antes ela foi a perfeição da prática», aproximando-se ainda ao parecer conciliador de Leonardo, ao conceder à prática «a excelência, a acção, o modo e a graça de falar, que é uma viveza a que não se igual outra nenhuma semelhança» e ao atribuir à escritura «tantas grandezas que parece igualmente necessária para a vida»<sup>33</sup>.

---

localidade algumas vezes na sua poesia festiva de cariz satírico (cf. Francisco de Quevedo, «La losa en sortijón pronosticada», *Antología Poética*, Barcelona, RBA Editores, 1994, pág. 139).

<sup>30</sup> Cf. *O Desgraciado Amante Peralvilho*, op. cit., págs. 351-352.

<sup>31</sup> *Ibidem*, pág. 394.

<sup>32</sup> O recurso à narrativa autobiográfica oral já tinha sido ensaiada antes pelo menos duas vezes em Espanha. A primeira em 1618 por Vicente Espinel na *Vida del escudero Marcos de Obregón*, quando o seu narrador e protagonista nos apresenta por escrito o relato oral que tinha feito, num dia de tempestade, a um eremita. A segunda vez pela mão de Jerónimo de Alcalá Yáñez que publica as duas parte de *Alonso, mozo de muchos amos* (1624 e 1626), em que o protagonista se limita a contar a sua vida de viva voz, ao vigário de um convento na primeira parte e ao cura de San Zoles, na segunda.

<sup>33</sup> Vid. Francisco Rodrigues Lobo, *Corte na Aldeia*, s.l., Publicações Europa-América, 1997, págs. 14-16.



O carácter autobiográfico junto à oralidade deste relato, essencialmente coloquial, permitir-nos-á compreender melhor o recurso sistemático n'O *Desgraciado Amante Peralvilho* ao refraneiro tradicional e aos ditados populares, quer «no seu castelhano» («Mas vale paxaro en la mano, que abutre bolando»; «Tanto tienes, tanto vales»<sup>34</sup>), quer em português («O gato escaldado da agoa fria ha medo», «O homem espancado, sempre vive magoado»<sup>35</sup>), assim como compreender o tratamento da retrospeção.

#### 4. Retrospeção: Genealogia de Peralvilho, Entrada no Picarismo<sup>36</sup>, e Desgraciado Amante

Com uma visão pessimista do mundo e do homem, apesar da sua jocidade irónica frequente, na novela picaresca prevalece o contacto com a desonra, e concomitante injustiça, vivida pelo protagonista desde o berço. Numa época de crise e desencanto, a atitude do pícaro perante a vida é o que o caracteriza<sup>37</sup>, além dos traços que passaram a ser considerados próprios ou genuínos desta personagem, como a genealogia, o engenhoso sentido de humor, a propensão para enredos econflitos, e, o que nos atreveríamos a denominar como «andaluzismo».

##### 4.1. GENEALOGIA

Se começarmos pelo berço, o nosso Peralvilho é cordovês, o seu nome tem conotações claramente negativas e delitivas<sup>38</sup>, e a genealogia marcará de tal modo o seu passado e o seu futuro que, através das suas sarcásticas palavras, qualquer suspeita em sentido contrário se desvanece:

Meu pay se chamava Jannestrigado, & e melhor fora Jannestirado, porque como o seu officio era ser agoadeyro, veyo de saber esgotar fontes, a querer vaziar bolsas [...].

<sup>34</sup> Cf. *O Desgraciado Amante Peralvilho*, *op. cit.*, págs. 387-388.

<sup>35</sup> Cf. *ibidem*, págs. 408; 349.

<sup>36</sup> *Picarismo* é o termo utilizado por Maurice Molho e que nos resulta útil para não falar de *novela picaresca* nesta obra portuguesa do amante desgraçado cordovês (cf. «¿Qué es el picarismo?», *Edad de Oro*, II, Departamento de Literatura Española, Universidad Autónoma de Madrid, 1983, págs. 127-135). O vocábulo está a ter grande sucesso em Latinoamérica, especialmente no Brasil, embora seja mais usado para pícaros de séculos posteriores (cf. Suely Reis Pinheiro, «Vozes da sedução, do picarismo e da negritude», artigo On Line, HYPERLINK <<http://www.hispanista.com.br>> (consultado a 12 de Fevereiro de 2008).

<sup>37</sup> Samuel Gili Gaya en su Introducción al *Guzmán de Alfarache*, Espasa Calpe, Madrid, 1962, pág. 8.

<sup>38</sup> «Lo que se verifica en los motes y los tipos literarios del picarismo es una definición paronomástica: la transparencia del nombre determina los rasgos de la personificación» (vid. Ángel Iglesias, «Nominación marginante en el picarismo literario y el folklore», *revistas.ucm.es*, 1983, pág. 147).

Minha mãy tinha por nome Marianes, & melhor lhe estivera Mariaragnes, pois era tecedeyra, & tão pidosa, que de suas entranhas tirava as meadas, com que ordia: & ordindo humas, & tecendo outras, veyo a ter certas contendas que lhe cahirão nas costas, sem haver respeito a terlhas meu pay bem corridas<sup>39</sup>.

O pai, aguadeiro, terminará a vida sendo enforcado por ladrão, e a mãe, alcoviteira, sendo deportada. As duas irmãs com quem Peralvilho fica a viver, Felícia e Celestina (cujo nome bem podia ser o da mãe devido à sua «profissão») —mais velhas do que Peralvilho (cuja idade certa ainda não sabemos), decidem sair de Córdova para começarem uma nova vida em Sevilha, sem serem conhecidas de antemão por causa dos antecedentes familiares, e levando Peralvilho com elas, mas, sem o consultar:

... logo a de menos idade, que teria vinte annos, como mais determinada disse à outra, que lhes não estava conto contarem muytos dias em Cordova, porque os passarião em continua pena a respeyto da afronta que seus pays lhes havião deyxado por herança. Veyo a outra nisto, que de meu conselho não faziam caso por ser ainda pequeno<sup>40</sup>.

#### 4.2. ENTRADA DE PERALVILHO NO PICARISMO À FORÇA

Sendo Peralvilho o mais novo da família, o seu percurso em direcção ao picarismo vai estar marcado não só pelo nome e por ser descendente de país sem honra, como também pela influência que recebe, a seguir à morte deles, das irmãs. A instalação na nova cidade, Sevilha, não se fará sem que elas iniciem um processo de autopromoção total, do qual Peralvilho ficará contrariadamente de fora:

... cada qual dellas se engastou hum Dom, & ficarão parecendo pedras falsas em ouro fino, & a mais velha se intitulou Dona Felícia, & a outra Dona Celestina, & a mim não me derão Dom, parece, porque tinha de passar duellos, aunque menores que los suyos<sup>41</sup>.

Ser-lhe-á imposto, posteriormente, o papel de simples «pajem contrafeito» das irmãs, e começará, desde então, a figurar ou representar funções que lhe não correspondem («Pintava eu isto melhor do que ellas podião desejar, não me esquecendo nunca do Dom, que souberão enxerir»<sup>42</sup>). Após a morte delas, Peralvilho, sozinho no mundo e marcado pela morte vergonhosa de

<sup>39</sup> Cf. *O Desgraciado Amante Peralvilho*, *op. cit.*, pág. 353.

<sup>40</sup> *Ibidem*, págs. 354-355.

<sup>41</sup> A alusão metafórica aos «duellos» confirmar-se-á posteriormente através do relato dos amores cruzados das duas irmãs, resultando daí a morte de ambas. Cf. *O Desgraciado Amante Peralvilho*, *op. cit.*, págs. 355-361.

<sup>42</sup> *Ibidem*, pág. 356.

todos os familiares, resolverá abandonar também esta cidade para ver se lhe corre melhor ventura noutras partes. Contando apenas com catorze anos de idade e estando a poucas léguas de Sevilha, procura o seu primeiro amo. Trata-se de um padre («fiquey como sendo moço de Cura»), que gostou muito de ouvi-lo, graças ao engenho que Peralvilho mostrava nas respostas que lhe dava. Em breve espaço de tempo, sentirá a paixão amorosa pela sobrinha do cura, Anfriza, pensando, ingenuamente, ser correspondido («parecia-me que Anfriza se hia rendendo à minha graça»). Ela acabará por usá-lo como alcoviteiro («que de presente me fez descer ao grão de alcovyteuro»<sup>43</sup>).

O seu próprio nome, Peralvilho, a nada invejável herança genealógica que lhe fora deixada pelos pais e, de certa maneira, pelas irmãs, funcionarão como factores determinantes para a sua posterior formação, inserindo-o paulatinamente no submundo da marginalidade. Sentindo-se sempre impotente para concretizar os seus legítimos desejos, acabará por se afastar definitivamente dos caminhos da honra e do amor. A última peripécia da vida de Peralvilho —a sua fuga da casa do fidalgo de Mérida—, será para impedir o seu casamento com quem o anfitrião lhe tinha provido, uma criada sua.

#### 4.3. DESGRACIADO AMANTE

Peralvilho, abandonada a casa dos pais, terá um desejo fortíssimo de se inserir num novo lar, de não se sentir isolado no mundo —mesmo a custa de inventar falsas biografias e de se atribuir diferentes nomes. Ver-se-á compelido a procurar sucessivamente refúgio nas casas dos amos, pois, na prática, será constantemente conduzido de insucesso em insucesso («que quem ama nunca quieta»). A sua liberdade estará sempre condicionada pelas relações amorosas que vai estabelecendo com diversos núcleos familiares.

Peralvilho, não só se verá impotente para se libertar do «nome próprio» e para fazer vingar os nomes falsos por si inventados<sup>44</sup>, como ainda ganhará o de *Desgraciado Amante* (a que ele denomina «nome da fortuna»), definindo-se também como «moço de muitos nomes».

#### 5. *Moço de muitos nomes*

A constante criação de falsas identidades e nomes advém, principalmente, da sua aversão ao que lhe tinha sido deixado pelos pais, o nome próprio. Pe-

---

<sup>43</sup> *Ibidem*, págs. 364-365; pág. 368.

<sup>44</sup> Esta prática da mudança de nome, ou pequena alteração do mesmo, verifica-se com os protagonistas da novelas pícaras espanholas. É o caso de Guzmán/Guzmanillo, episodicamente transformado no galã don Juan de Alfarache; ou do buscão dom Pablos, ao fazer-se passar pelos ricos e afidalgados dom Álvaro de Córdova/senhor dom Ramiro de Guzmán, senhor do Valcerrado y Vellorete/dom Filipe de Tristán e pelo comediante Alonso.

ralvilho (nome familiar na crónica da malfeitoria e na tradição castelhana)<sup>45</sup> é repetido pelo seu rival, logo na primeira aventura amorosa:

— Pois senhor Peralvilho, ou Peralvilho em ser embusteyro [...], & fazendo de mim pelota, jogou comigo à parede, & dando de rosto com hum prato se fez pedaços de puro sentimento, hum dos quaes me deyxou este golpe na frente<sup>46</sup>.

O seu nome torna-se uma carga profundamente pejorativa, que tenta esconder, e que provoca um desejo cada vez mais forte de o substituir por outros antropónimos mais favoráveis, como Jacinto, Artémio, Lourencilho e Camilote.

A primeira tentativa de ascensão social de Peralvilho e de mudança de nome, far-se-á em Carmona, quando pretende casar com Luísa, filha do Escudeiro (na descrição que faz da paupérrima casa encontramos mais uma similitude com o episódio do escudeiro no *Lazarrillo*) a quem serve. Inventará uma origem fidalga e afirmará chamar-se Jacinto<sup>47</sup>. É a primeira peripécia em que, descoberta a verdadeira identidade, o protagonista ganha, afinal, o epíteto de «pícaro embusteiro»<sup>48</sup>.

O segundo nome, Artémio<sup>49</sup> é usurpado, junto à documentação, a um soldado que ia requerer serviços à Corte («um homem pouco mais bem tratado do que eu estou agora»<sup>50</sup>) perto de «São Lucar de Alpechim»<sup>51</sup>. Peralvilho, desmascarado pela sua nova amada e pelo pai dela, é enviado para a prisão e apupado mais uma vez de «pícaro embusteiro»<sup>52</sup>.

A caminho da Corte, Lourencilho, o terceiro nome que o desgraçado amante se atribui, será (tal como Lazarrillo, Guzmanillo, Pablillo ou Estebanillo) denominação familiar e, tanto que possível, carinhosa, ligada à carga fonética nela contida. O pícaro cordovés escolhe este nome em diminutivo jus-

<sup>45</sup> Cf. Palma Ferreira, *Novelistas e Contistas...*, *op. cit.*, pág. 108; e Palma Ferreira, *Do pícaro na literatura...*, Lisboa, ICALP-MEC, [1981], pág. 78.

<sup>46</sup> Cf. *O Desgraciado Amante Peralvilho*, *op. cit.*, pág. 371.

<sup>47</sup> Jacinto, nome inspirado, com certeza, no mítico jovem lacedemónio metamorfoseado em flor por Apolo. Cf. VV.AA., *Diccionario de la mitología clásica*, I, Madrid, Alianza Editorial, 1985, págs. 328-329.

<sup>48</sup> Cf. *O Desgraciado Amante Peralvilho*, *op. cit.*, pág. 392.

<sup>49</sup> Apesar de que em grego os significados de este nome podem oscilar entre «são e salvo» e «santo», e daí ligado à noção de «integridade, é descoberto como mentideiro».

<sup>50</sup> Cf. *O Desgraciado Amante Peralvilho*, *op. cit.*, pág. 394.

<sup>51</sup> São Lúcar de Alpechim, hoje Sanlúcar la Mayor, é situada no extremo occidental da comarca de Alfarache, Sevilha, e é o lugar onde nasceu o pícaro de Mateo Alemán, *Guzmán de Alfarache* (mais uma lembrança do nosso andaluz na escolha de localidades típicas do mundo picaresco).

<sup>52</sup> Cf. *O Desgraciado Amante Peralvilho*, *op. cit.*, pág. 403.

tamente quando se faz «companheiro de cego» (não seu moço). Não podemos deixar de referir que, foi junto a um amo com a mesma deficiência física e desempenhando o mesmo ofício, que Lazarillo de Tormes despertou para a vida pícara. Peralvilho, no final da sua (des)/aventura amorosa como falso Lourencilho, tenta fugir com a mulher do próprio cego («nos viemos a concertar em que deyxassemos o cego às boas horas»). Descoberto, de novo, será apelidado precisamente de «pícaro aleyvoso»<sup>53</sup> e enviado novamente para a prisão.

A sua última escolha, o grande soldado Camilote («que com este me intituley para mayor disfarce»), faz-nos pensar de imediato nos domínios do protagonista do *Ingenioso Fidalgo don Quijote de la Mancha*, de Cervantes, e, recuando no tempo, em Gil Vicente com o «Cavaleyro selvagem» da sua tragicomédia *D. Duardos* (1522). Recorrendo de novo à forma diminutiva do antropónimo, Gaspar Pires de Rebelo conseguirá efeitos da mais pura hilaridade efabulativa, sobretudo ao descrever as sucessivas burlas infligidas ao «desgraciado amante» pela vingativa e desprezada Aldonça. Conduzi-lo-ão, pela terceira vez, à prisão.

A última peripécia da vida de Peralvilho —a sua fuga da casa do fidalgo de Mérida ao querer casá-lo com uma criada sua, e o seu naufrágio incerto—, deixa aberta a possibilidade duma continuação<sup>54</sup>.

Para concluir este nosso périplo, diremos que Gaspar Pires de Rebelo não se contenta com imitar os modelos da picaresca espanhola, mas trata de descobrir novos caminhos em português. O seu *Peralvilho* corresponde ao gosto do público do século XVII por uma prosa engenhosa —alternando o culto e popular—, com narrações cheias de aventuras, e por uma crítica, através da sátira humorística, ao conceito ibérico tão enraizado da *honra*<sup>55</sup> e da pureza do sangue, que se verificará na sociedade civil e religiosa peninsular<sup>56</sup>.

<sup>53</sup> *Ibidem*, pág. 409.

<sup>54</sup> Este final aberto está presente na edição do *Lazarillo* de Alcalá (fol. XLVI) que acrescenta respecto da outra duas edições, a de Burgos e a de Amberes: «De lo que de aquí adelante me sucediere, avisaré a Vuestra Merced», abrindo assim a hipótese de futuras continuações. *Apud Lazarillo de Tormes*, Barcelona, RBA Editores, 1995, pág. 80. O final do relato de *El Buscón* de Quevedo fica também aberto a uma segunda parte embora mais sentencioso: «Yo (...) determiné, consultándole primero con la Grajal, de pasarme a Indias con ella, a ver si, mudando mundo y tierra, mejoraría mi suerte. Y fueme peor, como v.m. verá en la segunda parte, pues nunca mejora su estado quien muda solamente de lugar, y no de vida y costumbres» (cf. *Historia de la vida del Buscón llamado don Pablos*, Barcelona, REB Editores, 1994, pág. 114).

<sup>55</sup> Vid. Os ensaios de Julian Pitt-Rivers, «Honra e posição social» e de Julio Caro Baroja, «Honra y Vergüenza — Examen histórico de varios conflictos», em *Honra e Vergonha: valores das Sociedades Mediterrânicas*, 2.ª ed., Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1988.

<sup>56</sup> Vid. José Antonio Maravall, *La literatura picaresca desde la historia social (siglos XVI y XVII)*, 2.ª ed., Madrid, Altea-Taurua-Alfaguara, 1987; Félix Brun, «Para uma interpretação sociológica

Pires de Rebelo sublinha, ao mesmo tempo, as situações cómicas em torno da intriga amorosa de Peralvilho, ingrediente determinante da novela que a distingue das suas «congêneres» castelhanas. O protagonista, Peralvilho, surge repentinamente num ambiente bucólico, a casa de campo dum velho fidalgo de Mérida, a quem vai contar a sua vida e onde é louvado pela sua graça e engenho.

As fontes espanholas são evidentes, mas a originalidade do novelista português também é inegável. Mais ainda do que aspirar a viver como pícaro ou querer ascender na escala social, as adversidades de Peralvilho emanam sempre dos seus amores, mais ou menos ardentes, mais ou menos verdadeiros ou interesseiros, e sempre com final desastroso para ele. Esta espécie de pícaro, em português, atrai pela sua capacidade de rir de si próprio, mesmo quando está a ser afligido, e dos outros. A riqueza barroca da crítica mordaz é aproveitada por Pires de Rebelo no percurso do Peralvilho, para satirizar os vários círculos sociais, judiciários e médicos, sobretudo. Através do recurso misto de encaixar a narrativa pícaro dentro de outra narrativa que a envolve, o autor português dá a impressão de seguir as regras do género e, ao mesmo tempo, de conseguir afastar-se dele:

... & huma noite se sahio de casa & passados alguns dias se achou outra vez em Sevilha (...) & porque lhe pareceu, que a fortuna, a quem tinha por inimiga, não teria tanto imperio no mar, como tivera na terra, & se nella havia sido desgraciado amante poderia ser nelle navegante venturoso, embarcouse para as Indias de Castella<sup>57</sup>.

*O Desgraciado Amante Peralvilho* apresenta, portanto, vestígios típicos da picaresca, e —isto é o que nos interessa acentuar, é a primeira obra que mais se aproxima ao género picaresco, escrita em português. Seria uma espécie de «picaresco amoroso»<sup>58</sup> ou picarismo português.

---

do romance picaresco» e Charles Aubrun, «A indigência nos séculos XVI e XVII em Espanha e o romance picaresco», em *Literatura e Sociedade — Problemas e Metodologia em Sociologia da Literatura*, 2.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Estampa, 1978, págs. 175-188 e 189-202.

<sup>57</sup> Talvez o final mais esperado para um bom português. Cf. *O Desgraciado Amante Peralvilho*, págs. 434-435.

<sup>58</sup> Expressão retirada de Trullemas, «A propósito do picaresco na literatura portuguesa», *Revista Colóquio/Letras*, LXXI (1983), págs. 69-71.